

Adolescência – Quando surgiu e para onde vai? Um Recorte Histórico e Psicossocial

Daniela Mello de Brito Lira¹
Regina Coelli Araújo da
Silva²

¹ Psicóloga, concluinte do curso
de especialização em
Psicologia Clínica na
FacolLibertas Recife
Contato:
Mary.lira@hotmail.com

² Psicóloga, Psicoterapeuta,
Mestre em Psicologia Clínica,
professora da FacolLibertas
Recife e da Faculdade Estácio
do Recife.
Contato:
regina@libertas.com.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo, realizar uma revisão sócio-cultural-histórico da adolescência. Para tanto, através de uma pesquisa bibliográfica, apresenta-se a origem do termo, os primeiros sinais de reconhecimento no contexto histórico e diferenciação da fase e a dificuldade da fase aliada a sua energia vital para impulsionar a vida e as mudanças que os mesmos provocam em si e no contexto em que vivem. Na sequência, para ilustrar a vivacidade dessa fase, revisitou-se três momentos históricos muito importantes, nos quais os adolescentes além de se fazerem presentes são os principais personagens: o movimento *punk*, na Inglaterra da década de 70, os “caras-pintadas” na década de 90 e os estudantes secundaristas e suas ocupações das escolas no estado de São Paulo, em 2015 – ambos no Brasil. Ao final, sugere-se a participação nos grupos de movimento da Análise Bioenergética, tanto para os adolescentes, quanto seus pais, pois trata-se de oferecer apoio para que se percebam enquanto seres sexuados, donos de seus corpos, com subjetividade própria, numa direção que conduz ao autoconhecimento e desbloqueio de energias para que sejam trabalhadas as questões referentes a essa fase da vida e os anseios que ela evoca.

Palavras-chaves: Adolescência, Análise Bioenergética, grupos de movimento.

Adolescence - When It Arose and where it goes? A historical Approach and Psychosocial

Abstract: This article aims to carry out a socio-cultural-historical review of adolescence. For this, through a bibliographical research, the origin of the term is presented, the first signs of recognition in the historical context and differentiation of the phase to the difficulty of the phase allied to its vital energy to impel life and the changes that they provoke in themselves and in the context in which they live. In order to illustrate the liveliness of this phase, three very important historical moments were revisited, in which the adolescents, besides being present, are the main characters: the punk movement in England of the 70's, In the 1990s and secondary students and their occupations of schools in the state of São Paulo in 2015 - both in Brazil. In the end, it is suggested to participate in the Bioenergetic Analysis movement groups, both for adolescents and their parents, because it is about offering support so that they perceive themselves as sexed beings, owners of their bodies, with their own subjectivity, in a Direction that leads to the self-knowledge and unlocking of energies so that the questions concerning this phase of life and the anxieties it evokes are worked out.

Keywords: adolescence, Bioenergetic Analysis, movement group

Introdução

A adolescência é uma fase popularmente conhecida, especialmente pelas suas peculiaridades, muitas vezes pelas mais negativas. Quem nunca falou (ou ouviu falar) neles como “aborrecentes”, “imaturos”, “rebeldes sem causa”, “sentimentais em excesso”?

Ser adolescente, na atualidade, já é uma tarefa árdua, imagine no século passado (?!), onde nem se sabia (ou não havia sido delimitada) a existência dessa fase de desenvolvimento humano e suas peculiaridades.

O adolescente é pleno de particularidades, aportado em um caos estranho, localizado entre a vida adulta, que está chegando, trazendo toda sua carga de responsabilidades, necessidade de realizações, obrigações, e a doçura terna da infância que se perdeu em algum lugar de seu passado. É um Ser que vive uma espécie de luto pelo que já foi e pela incerteza do que ainda pode ser. Extremamente justificável que tenha a personalidade tão cheia de nuances, única.

Na canção “Não vou me adaptar” de Nando Reis (anexo), o sentimento de inadequação à construção de um papel adulto é visível. Existe um grande nível de frustração, aliado a uma “rebeldia” e uma vontade de, pelo menos, compreender como pode ter sido conduzido pela vida com tanta rapidez, possivelmente até sem perceber/aproveitar esse momento. Todas essas características são típicas no que se entende por adolescência na contemporaneidade. Porém, nem sempre o papel do jovem foi tão visitado e reconhecido, como é neste período histórico. O presente artigo vai percorrer um trecho histórico no intuito de clarificar quando e como aconteceu o (re)conhecimento da adolescência, enquanto fase do desenvolvimento humano, além de mostrar em seu caminhar histórico e social como essa se dissocia da idade adulta e da infância, revelando o real potencial do adolescente por trás de sua energia rebelde.

O que é adolescência?

Se buscarmos a definição de adolescência, vamos descobrir que a origem da palavra vem do Latim “*adolescentia*” (Micaelis-2016). Trata-se do período entre a puberdade e a idade adulta, durante o qual ocorrem mudanças físicas como o crescimento acelerado e a maturidade sexual e as alterações psicológicas e sociais.

Vamos encontrar ainda quem defina adolescência como uma fase natural da vida marcada pelas transformações biológicas e comportamentais e, mais ainda, alguns pesquisadores vão entender e descrever a adolescência como um processo de construção social e histórico. Nesta direção, Tanner (1962), define por adolescência:

O período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. A adolescência se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade, obtendo progressivamente sua independência econômica, além da integração em seu grupo social. (p.212)

A Organização Mundial da Saúde (OMS), declara que as delimitações cronológicas para essa fase são entre os 10 e os 19 anos (*adolescents*) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre os 15 e os 24 anos (*youth*), critério este utilizado, principalmente, para fins estatísticos e políticos. Usa-se também, ainda segundo a OMS, o termo “jovens adultos” para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade. Segundo Papália (2006), a maturidade sexual deve ser considerada:

A adolescência dura aproximadamente 10 anos, dos 11 ou 12 anos até pouco antes ou depois dos 20 anos. Seu ponto de início ou de término não é claramente definido. Em geral, considera-se que a adolescência começa com a puberdade, processo que conduz à maturidade sexual ou fertilidade, ou seja, a capacidade de reprodução. (p.440)

Beresin (2008) também ressalta a importância do desenvolvimento físico enquanto formador da adolescência, observando que:

Esse desenvolvimento consiste em mudanças no corpo, no cérebro, na capacidade sensorial e nas habilidades motoras. A adolescência, enquanto período de transição no desenvolvimento entre a infância e a idade adulta, reflete exatamente essas mudanças. Ela começa com a puberdade, processo que leva à maturação sexual. As alterações hormonais dão início à puberdade, nessa fase, meninos e meninas vivenciam o surto

do crescimento adolescente: crescimento acelerado de peso, altura, desenvolvimento muscular e esquelético. (p.61 e 62)

Constata-se que diversas são as definições que tentam explicar a época da adolescência. Alguns estudiosos utilizam conceitos à luz de estudos da psicologia, da educação, da filosofia, da medicina; outras definições utilizam referências etárias, como é o caso da OMS. Mas, é importante saber que os conceitos existem e atendem a objetivos específicos de programas, pesquisas e políticas públicas. Entretanto, não se pode reduzir esse período do desenvolvimento humano aos conceitos que os caracterizam, exatamente porque se está referindo a seres humanos, únicos em sua história e em seus corpos.

O surgimento da adolescência

A adolescência é uma “invenção moderna”, e tem seu título revogado, se compararmos com a idade de nossas civilizações. Beresin (2008) diz que:

O fenômeno da puberdade vem dos primórdios da civilização humana, mas a noção do que hoje chamamos de adolescência começou a se esboçar no século XVII. A percepção mais difundida da criança e do adolescente como seres em desenvolvimento no mundo foi resultado e um processo longo que envolveu transformações na organização social, desde o ponto de vista da esfera privada das famílias até a esfera pública da convivência social. A infância e a adolescências, entendidas como categorias socialmente construídas, permitiram a adoção das práticas sociais condutoras do processo de formação de identidade sociocultural infanto-juvenil. (p.61)

Na Roma e na Grécia Antigas, berços das civilizações do mundo ocidental, não havia um processo claro de diferenciação. Os jovens da época eram treinados, sob a tutela do governo, para que pudessem conter e direcionar os seus impulsos a favor da sociedade e, por último, deles mesmos. Eram educados para se tornar guerreiros, cidadãos, agricultores, filósofos, no caso dos homens; boas esposas e mães, no caso das mulheres. Nenhuma das opções ofertadas envolvia noção alguma de entendimento das aspirações e projetos daqueles jovens, apenas seguiam o fluxo, orientados a obedecer, treinar e canalizar sua vivacidade. Àries in Veyne (2009) retrata um pouco do explanado acima:

Aos doze anos o pequeno romano de boa família deixa o ensino elementar; aos catorze, abandona as vestes infantis e tem o direito de fazer tudo que um jovem gosta

de fazer; aos dezesseis ou dezessete, pode optar pela carreira pública, entrar no Exército. Não existe maioridade legal nem idade de maioridade; não há menores, e sim impúberes, que não mais o são quando o pai ou o tutor considera que estão na idade de tomar as vestes de homem e cortar o primeiro bigode. Um filho de senador, por exemplo: aos dezesseis anos completos, torna-se cavaleiro; aos dezessete, ocupa seu primeiro cargo público: cuida da polícia de Roma, manda executar os condenados à morte, dirige a Moeda; sua carreira não se deterá mais, ele será general, juiz, senador. Onde aprendeu? No exercício de suas funções. Com os mais velhos? Com os subordinados, melhor dizendo: tem bastante arrogância nobiliária para dar a impressão de que decide quando o fazem decidir. Aos dezesseis anos esse jovem nobre era coronel, sacerdote do Estado e já estreara no tribunal.(p.31 e 32)

Na idade média, tanto crianças quanto adolescentes, eram vistos como “adultos em miniatura”, participando das tarefas e da vida comunitária como tal. A única diferença entre eles e os adultos era o tônus muscular, que ainda estava em desenvolvimento. Tornar-se um adulto, biologicamente, era só uma consequência, uma questão de tempo. À essa época, não eram consideradas a formação da personalidade, assim como, a diferenciação de singularidades. Sobre isso, Feital (2013) afirma que:

Pode-se afirmar que até o século XVII não existia o sentimento de infância – não se distinguia a criança do adulto – assim, muito cedo, quando começava a ter condições de viver sem os cuidados intensos da mãe ou da ama (ou quando superava o período de alto nível de mortalidade), a criança ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes. Dessa forma, o trabalho era concebido de maneira muito diferente da qual é visto hoje, não sendo definido como “precoce” já que aqueles indivíduos não se diferenciavam dos demais, não se encontravam numa fase da vida considerada peculiar, e não necessitavam assim, de tratamento diferenciado. A criança ou o adolescente – aliás, conceitos esses modernos – não eram encarados como sujeitos em desenvolvimento necessitando, portanto, de proteção e cuidados especiais. (p.7)

A partir do novo papel assumido pelo Estado, na Idade Moderna, cuja intenção era interferir com maior frequência no espaço social, na forma de agir das famílias, comunidades, grupos religiosos e educacionais e com o estabelecimento de novas formas de religião, ao longo dos séculos XVI e XVII, ficou evidente que havia uma necessidade de “proteger as crianças e os jovens das tentações da vida”, cuidando para que aprendessem e levassem adiante as noções de moralidade. Nesse período histórico, o papel da escola, enquanto detentora da ordem, moral e bons costumes, surge como um meio de controle. Mas acaba por começar a distinguir os papéis sociais dessas pessoas, até então negadas. A infância e adolescência tiveram seu primeiro refúgio por meio das escolas e, até arrisca-se ao dizer que, quem primeiro as conheceu foram os educadores.

O Século XIX é marcado pelo fortalecimento dos Estados Nacionais, pela redefinição dos papéis sociais de mulheres e crianças e pelo avanço acelerado da industrialização e organização dos trabalhadores. Fatores como a reforma trabalhista (revolução industrial) foram decisivos na diferenciação das fases da infância e adolescência, visto o estabelecimento de novos funcionamentos para os trabalhadores em suas jornadas de trabalho, carga horária, salário e afins. Começou o reconhecimento que adultos executavam tarefas de maneira diferente e, nessa época, estudos começam a mostrar os malefícios causados pelos trabalhos braçais antes da maturidade biológica. Ariés (1981) relata que:

Ao longo do século XIX, a adolescência passa a ser reconhecida como um “momento crítico” da existência humana. É temida como uma fase de riscos em potencial para o próprio indivíduo e para a sociedade como um todo. Em linhas gerais, parece que a ideia do que hoje chamamos adolescência, pressentida a partir do século XVIII (Grossman, 1998), está associada às novas maneiras de viver no grupo social onde o indivíduo está inserido. Com a industrialização e a instituição de sistemas educacionais obrigatórios, ela pode, finalmente, ser mais observada. Pode-se, então, dizer que a adolescência foi conhecida primeiro pelos educadores. (p.230)

A adolescência na contemporaneidade

As descrições comumente tratam a adolescência no campo racional, um meio delimitador para compreensão de onde e porque essa fase da vida se encaixa. No entanto, a adolescência é muito mais que um período cronológico, é período de fomentação de ideias e energia para a vida. Muitos movimentos sociais, musicais, políticos, literários entre outros tiveram seu começo através das ideias dos jovens, fazendo a diferença e levando a humanidade ao pensamento crítico e, muitas vezes, a sair da estagnação em que se encontrava.

Para ilustrar a vivacidade dessa fase, é necessário revisitar três momentos históricos muito importantes, nos quais os adolescentes além de se fazerem presentes são os principais personagens: O movimento punk, na Inglaterra da década de 70, Os “caras-pintadas” na década de 90 e os estudantes secundaristas e suas ocupações das escolas no estado de São Paulo, em 2015 – ambos no Brasil.

Começando pelo movimento Punk, segundo Bianchin (2012) trata-se de:

Um **estilo musical** criado na década de 70 e a cultura ao redor dele. Surgiu em Nova York a partir de **1974**, quando os frequentadores da casa de shows e **cena underground** local formaram e apoiaram bandas que se **opunham** ao rock progressivo de bandas como Yes, que faziam muito sucesso na época. No Reino Unido, especialmente em Londres, o movimento ganhou versão própria, com bandas icônicas como **Sex Pistols** e **The Clash**. Por lá, o surgimento do punk coincidiu com um momento político delicado, o que contribuiu para que muitas bandas **criticassem o governo** em suas músicas. Em oposição ao movimento hippie, o punk apoiava a individualidade e a independência.

O Punk é um daqueles movimentos que descreve fielmente as capacidades e a energia adolescente para vida. Sid Vicious, vocalista da banda Sex Pistols, apresentava em seu visual e suas ideias o que um adolescente e sua sede de revolução poderiam fazer, causando furor aos jovens (e pânico aos adultos) com seu visual único e suas letras contra o sistema.

Em “Anarchy in the U.K”, música mais conhecida do Sex Pistols, ele diz:

Anarchy for the U.K. it's coming sometime and maybe I give a wrong time, stop a traffic line. Your future dream is a shopping scheme 'cause I wanna be anarchy in the city” (“Anarquia para o Reino Unido virá em algum momento e talvez dou o tempo errado, paro o fluxo de trânsito. Seu sonho é um esquema comercial. E eu quero ser anarquia na cidade”) (Anarchy in the U.K.- Sex Pistols, 1977)

Esses versos exprimem o impulso da juventude nas ideias de Sid. Na época em que foram escritos colocaram sua indignação perante um mundo “entorpecido” pelo movimento Hippie e contra o momento político em que a Inglaterra se encontrava. Críticas foram feitas, roupas foram rasgadas, brincos e alfinetes de segurança pendurados nas orelhas, cabelos foram cuidadosamente cortados e erguidos em “moicanos”. A intenção era agredir, demonstrar a insatisfação dos jovens com a situação atual, além de mobilizá-los à atitude contra as injustiças sociais que estavam expostas e dar espaço ao movimento de individualização de ideias e atitudes. O grande anseio dos punks era, através das ações coletivas, tornar-se subjetividade, como todo adolescente que se preza.

A seguir, ainda na ilustração da força para a mudança dos adolescentes, os dois momentos históricos no Brasil – Os “caras-pintadas” e os estudantes secundaristas de São Paulo. O primeiro, do ano de 1992, segundo Santiago (2011):

Ficou conhecido no Brasil inteiro, durante o início da década de 90, o movimento dos “**caras-pintadas**”, que consistiu em multidões de jovens, adolescentes em sua maioria, que saíram às ruas de todo o país com os rostos pintados em protesto devido aos acontecimentos dramáticos que vinham abalando o governo do então presidente Fernando Collor de Mello.” (p.2)

O segundo movimento, dos estudantes secundaristas de São Paulo para ocupação das escolas, no ano de 2015, lutou contra o Governo do Estado de São Paulo pelo não fechamento das escolas públicas do Estado. Segundo Lara Deus (2015), jornalista da Revista Educação:

No dia 23 de setembro, terceiro bimestre do ano letivo, alunos, professores e funcionários da rede estadual de ensino de São Paulo receberam com surpresa a manchete da Folha de S. Paulo: “SP vai transferir mais de 1 milhão de alunos para dividir escolas por séries”. A reportagem anunciava uma reforma do ensino que visava criar mais escolas de ciclo único. O argumento da Secretaria de Educação era que a reorganização melhoraria o desempenho dos alunos. Professores, gestores e estudantes reclamaram da falta de diálogo e transparência para a tomada de decisão, o que levou ao surgimento de boatos sobre o fechamento de escolas, na medida em que os protestos começaram e se espalharam pelas unidades da rede estadual. A oficialização das mudanças culminou no movimento de ocupação das escolas pelos estudantes secundaristas, que repercutiu na imprensa internacional e inspirou manifestações semelhantes em outros estados. Além disso, depois de pouco menos de um mês, o movimento conseguiu que o governo estadual adiasse o plano, revogando a reorganização em 2016.” (p.2)

Em ambas as situações, percebe-se a mobilização de adolescentes e jovens em relação ao poder Público. Vê-se, claramente, a capacidade de organização e defesa dos interesses do que acaba por ser um bem comum: a educação. A juventude Brasileira se uniu em ambas as situações para mostrar a sua voz e, juntos, tentar reverter o quadro de injustiça social instalado no Brasil. Atualmente, o Brasil atravessa um momento crítico na sua história política, quando, mais uma vez, se depara com processos que impactam profundamente a vida dos cidadãos e cidadãs. Os jovens seguem às ruas, lutando pela causa pública, se fazendo ouvir, pressionando o poder público para que medidas cabíveis sejam tomadas e para que não haja retrocesso algum.

Enraizamento para construção da identidade adolescente

O adolescente anseia pela subjetivação, algo que se torna tarefa difícil frente a tantas expectativas e motivações externas a ele.

Lowen (1997) sugere a busca do *grounding*, que consiste em um processo energético em que um fluxo de excitação percorre o corpo, da cabeça aos pés, para a construção desse self total. Uma das formas de trabalhar o *grounding*, especialmente com adolescentes, é no

coletivo, junto ao grupo, devido a sua necessidade de pertencer ou de estar contido em. Segundo Weigand (2006):

A rede grupal oferece suporte social, trocas afetivas, cuidados mútuos, comunicação aberta e solidária. Daí deriva um sentimento de coesão e apoio que oferece ao grupo subsídios para enfrentamento da realidade, agindo como fator moderador do stress. O suporte social é, sobretudo, um suporte afetivo.” (p.79)

Para os adolescentes, numa escala maior do que para os adultos, as questões ligadas a sua corporeidade e sexualidade são mais delicadas, até por conta dos tabus e padrões sociais. No trabalho em grupo na Análise Bioenergética, procura-se dar contenção ou canalização da emoção por meio das intervenções psicocorporais. Trata-se de oferecer apoio para que os mesmos se percebam enquanto seres sexuados, donos de seus corpos, com subjetividade própria, numa direção que conduz ao autoconhecimento e desbloqueio de energias para que eles sejam, num futuro próximo, adultos saudáveis emocionalmente, trabalhando-se assim as questões referentes a idade e aos anseios que esta causa.

Os grupos de movimento em Bioenergética são, também, recomendáveis para os pais de adolescentes, já que os envolvidos, por vezes, encontram-se no mesmo tempo e lugar, e precisam lidar com as dificuldades decorrentes do não entendimento de determinadas questões, peculiares aos filhos adolescentes.

Considerações finais

É fato que o mundo muda, e com ele mudam os valores, posturas, significações sociais. Para que haja essa mudança sempre será necessária uma forma propulsora. A adolescência, no atual contexto nacional, mostra que detém essa chave para a mudança através de sua energia vital, própria à fase.

Percebe-se também que essa transição na vida, chamada adolescência, é criativa, vestida de força, vitalidade, pureza e desejo de usufruir do prazer que é essa energia que possui para enfrentar situações, sair da mesmice, pintar sua cara, rasgar suas roupas, ocupar os seus espaços e mudar o mundo. Em seu livro *Prazer*, Lowen (1984) falando sobre a criatividade diz que:

A abordagem criativa da vida implica novas e imaginativas respostas às diversas situações em que a pessoa diariamente vê-se confrontada. Novas respostas são urgentemente necessárias porque os valores e as formas sociais que governavam os relacionamentos e regulavam o comportamento de gerações anteriores já não mais fornecem soluções satisfatórias à vida moderna.” (p.207)

Talvez, a maior beleza da adolescência resida exatamente aí; em sua força criativa, energia de vida mobilizadora, renovadora e vibrantemente viva.

Finalmente, espera-se ter contribuído com o reconhecimento histórico dos adolescentes, sua importância social e que o olhar da juventude sobre o novo possa sempre continuar encantando, mobilizando e agindo sobre o mundo adulto, pois é preciso pulsar pra poder viver. E, de pulsar, os adolescentes entendem muito bem!

Referências

ARIÈS, P. **História social da criança e da família** (2ª ed.). Rio de Janeiro: LTC, 1981.

_____. **História da vida privada**, Vol, 1: do Império Romano ao ano mil / organização Paul Veyne ; tradução Hildegard Feist; consultoria editorial Jonatas Batista Neto. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ABRAMO, H. W., & BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005.

BERESIN, R in FARAH, O.G.D & SÁ, A.C – **Psicologia aplicada à Enfermagem**. São Paulo: Manole, 2008.

BIANCHIN, V.- O que foi o movimento Punk? – **Revista Mundo estranho**, Editora Abril, 2012. (edição virtual em <http://mundoestranho.abril.com.br/cultura/o-que-foi-o-movimento-punk/>) Acesso em 19.03.2016.

DEUS, L. Entenda a evolução das ocupações nas escolas em São Paulo, **Revista Educação**, 2015.

FARIAS, M.A & FERREIRA, T.H.S - Adolescência através dos Séculos - Universidade Federal de São Paulo, **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2010.

FEITAL, C.V – **Transformações na concepção de infância/ adolescência e proibição do trabalho de crianças e adolescentes**. 3º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais, 2013.



LOWEN, A. **Prazer**: uma abordagem criativa da vida. São Paulo: Summus, 1984.

PAPALIA, D.E. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTIAGO, E. Caras Pintadas. **Revista Info Escola**, 2011. (edição virtual em <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/caras-pintadas/>)

TANNER JM. **Growth at Adolescence**. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1962.

WEIGAND, O. **Grounding e autonomia**: a terapia corporal bioenergética revisitada. São Paulo, Editora Person, 2006.

Site da OMS: <http://www.paho.org/bra/>

Site da ONU: <http://www.onu.org.br/>

Recebido em 09/12/2016

Aceito em: 27/02/2017